



O LEGADO DE STONEWALL

Ação Vimaranense Antifascista

Desde finais da década de 60 que o mês de junho passou a representar a diversidade de orientações sexuais e de identidades de género. Antes dos constrangimentos causados pela COVID-19, era durante este mês que se realizavam as populares, coloridas e alegres marchas do Orgulho (Pré de parades) com o intuído de dar visibilidade às pessoas LGBTQIA+, de celebrar as suas conquistas no âmbito dos direitos sociais e humanos e ainda de expor os preconceitos e a discriminação de que ainda são alvo.

Se hoje podemos celebrar a diversidade e a igualdade desta forma – nos países em que isso já não implica prisão e/ou morte –, muito devemos às pessoas que, na madrugada de 28 de junho de 1969, estavam no bar de Stonewall Inn, em Village Greenwich (Estados Unidos da América), e que se revoltaram e iniciaram a luta contra a homofobia institucionalizada. Estas pessoas eram, na sua maioria gays, lésbicas, drag queens, profissionais do sexo, jovens sem abrigo e outras pessoas marginalizadas.

Antes deste dia, não só nos Estados Unidos da América como um pouco por todo o mundo, as pessoas homossexuais ou que tivessem uma expressão de género diferente da normativa (o que era comumente entendido como o mesmo) eram consideradas um perigo para a sociedade. Como tal a polícia tinha o poder de encerrar estabeleci-

mentos que recebessem homossexuais e de deter quem os frequentava. Stonewall Inn seria, portanto, mais um alvo deste abuso de poder policial e da homofobia legitimada pelo Estado. No entanto, nessa madrugada as pessoas que se encontravam no bar revoltaram-se contra a polícia, arremessando objetos, gritando palavras de ordem, protestando e reclamando respeito, liberdade e dignidade. Nos dias que se seguiram, protestos, marchas e manifestações disseminaram-se por vários outros estados do país. Gays, lésbicas e outras pessoas que se entendiam e expressavam para além do modelo heteronormativo formaram uma comunidade mais coesa, visível e determinada em lutar pelo direito a existir sem ofensas à sua integridade, sem abusos policiais, sem opressão e sem medo.

O impacto da Rebelião de Stonewall – assim ficou designado o conjunto de protestos que se iniciou em Stonewall Inn – foi além-fronteiras, inspirando a coragem, a esperança e a ação contra o preconceito e a discriminação em muitos outros países.

Embora nos últimos tempos muitos direitos tenham sido conquistados pela comunidade LGBTQIA+, isso não implica que todas as pessoas globalmente se encontrem sob a mesma proteção jurídica e social. O mês do Orgulho, as suas marchas e as suas manifestações servem não só para nos lembrar de todas

as conquistas feitas, mas também para nos recordar que ainda há muito a fazer.

Celebrar a comunidade LGBTQIA+ é também valorizar, recordar e promover o poder de transformação que as pessoas alcançam quando organizadas contra a injustiça e a opressão. Este

“Celebrar a comunidade LGBTQIA+ é também valorizar, recordar e promover o poder de transformação que as pessoas alcançam quando organizadas contra a injustiça e a opressão”

mês fala-nos, fundamentalmente, de valorizar a diversidade, o amor, a coragem, a união, a humanidade. Esta é uma causa que deve despertar em todos nós a vontade e a urgência de agir no sentido de construir um mundo mais seguro, mais unido, mais pacífico, menos violento e mais empático para toda a gente. Porque quando o sol nasce, é para toda a gente; o mesmo em relação ao arco-íris.

QUEM ARCA COM OS CUSTOS DA CRISE?

Plataforma Antifascista de Lisboa e Vale do Tejo



No Boletim Económico de Maio, Mário Centeno, governador do Banco de Portugal (BdP), argumentou que o Orçamento do Estado não pode ser o único a ter a resposta para a crise e que as medidas devem ser temporárias: “Não podemos colocar o ónus de resolução da crise apenas num destes setores institucionais. Não podemos estar à espera que ou as empresas ou o sistema financeiro resolvam a crise. Não podemos estar à espera que as famílias sejam no fim da linha as responsáveis por todos os planos que a economia vier a manter no futuro. E não podemos estar à espera que as administrações públicas e o Orçamento do Estado possa dar resposta única à crise”.

Centeno considera que as empresas e o sistema financeiro não podem ser chamados a resolver a crise, mesmo quando grande parte da dotação financeira do “Orçamento de Estado” para 2021, a par da “Bazuca Europeia”, irá justamente para estes setores. Desenganem-se quem acha que, dentro do Governo, existe uma visão distinta da de Mário Centeno; e desenganem-se também quem pensa que, à direita no hemicírculo em São Bento, exista também uma visão distinta da do Governo. Recordemos, por exemplo, que das 22 propostas de alteração ao Orçamento de Estado de 2021 (OE 2021), apresenta-

das pela bancada parlamentar do PSD sob o título “SUPERAR A AUSÊNCIA DE MEDIDAS DE ESTÍMULO À RECUPERAÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL”, nenhuma teria um impacto positivo imediato sobre o rendimento das famílias, nomeadamente das mais pobres.

O OE 2021 e a total ausência de medidas concretas de apoio a fundo perdido às famílias e aos mais pobres, não dotou a Segurança Social dos fundos necessários para fazer face ao incremento de apoios que seriam solicitados e, igualmente grave, tem direcionado quase o triplo do montante para a proteção do emprego junto das empresas (onde já foram gastos 652 milhões), do que em apoio extraordinário ao rendimento dos trabalhadores (onde já foram gastos 226 milhões de euros), isso até abril de 2021. Os apoios às empresas a fundo perdido, no primeiro quadrimestre de 2021 (e excluindo a isenção de TSU), atingiu os 1 606 milhões. A isso podemos ainda somar os 798 milhões de auxílios aos custos fixos das empresas (no âmbito do Programa Apoiar), enquanto apenas 157 milhões foram usados em medidas de apoio com os custos de trabalhadores.

E é nesse cenário que somos confrontados com a notícia que iremos injetar mais 475 milhões no Fundo de Resolução, valor esse que pode ainda sofrer um acréscimo de 112 milhões, se os

tribunais deferirem as pretensões do Novo Banco em como é ilegal a retenção desse valor em apoios.

Resulta assim fácil adivinhar que seremos nós, trabalhadores, os mais pobres e os mais precários chamados a pagar os custos dessa crise. Em termos comparativos, o total do montante que pode vir a ser injetado no Novo Banco esse ano corresponde a mais do dobro que o Programa de Recuperação e Resiliência tem orçamentado para eliminação das bolsas de pobreza nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto (250 milhões). Ou é superior a dotação financeira para melhorar a rede de equipamentos sociais (583 milhões). Os 587 milhões que possivelmente podemos ter de vir a injetar no sistema financeiro (que não deve ser chamado a participar do esforço de resposta a crise) permitiriam um reforço de 42% no total do montante que o mesmo programa prevê para o Serviço Nacional de Saúde, por exemplo (orçamentada uma dotação de 1 383 milhões).

É necessário deixar claro às elites que os recursos públicos não podem continuar a ser enterrados na banca privada, servindo para tapar os buracos da corrupção e dos negócios ruinosos de grandes empresários como Berardo, Moniz da Maia ou Luís Filipe Vieira. As nossas vidas estão acima de qualquer interesse privado.

AS REVOLTAS NA AMÉRICA LATINA

Grupo Antifascista Miguel Torga



A América Latina tem sido, nos últimos anos, palco das mais impressionantes mobilizações a nível internacional.

O Chile terá sido o primeiro a levantar-se, ainda em 2019. Como resposta a um aumento de 30 pesos (o equivalente a pouco mais de 3 centavos) do bilhete do metro, o povo saiu à rua. O aumento do preço do bilhete foi a faísca inicial, mas a contestação rapidamente cresceu. No seio destas intensas manifestações começaram a brotar organismos de democracia popular, onde o povo começou a discutir política, expondo as suas reivindicações e a levá-las à rua, o que gerou uma repressão brutal do Estado e das suas forças de repressão, mas o povo manteve-se firme. Começou a exigir, para além da reversão do aumento do preço, uma completa reforma económica. Exigiu um serviço de saúde universal, público e gratuito; segurança social pública; ensino público; etc. Reivindicações que chocavam diretamente com os moldes em que foi escrita a constituição do país — uma constituição legado da ditadura fascista de Pinochet, que obriga a total liberalização da economia. Compreendendo isso, o povo virou-se então contra a constituição exigindo uma assembleia constituinte. Mais de um ano depois, essa assembleia foi eleita com um grande peso das forças de esquerda.

Na Bolívia, também em 2019, os militares, apoiados pelo imperialismo, tentaram fazer um golpe de Estado e depor

o popular Evo Morales, o primeiro presidente indígena do país. Impuseram um governo de direita que começou a reorientar o país de acordo com os interesses do imperialismo. As massas resistiram a isto e mantiveram-se mobilizadas, até conseguir reverter o golpe e fazer cair o governo em 2020.

Já 2019, o povo colombiano protestou contra as grandes desigualdades no país, mas esse processo acalmou com o susto da pandemia. Agora, em Abril de 2021, depois de uma reforma fiscal que previa o aumento dos impostos dos mais pobres e cortes na saúde e pensões, as massas voltaram a ocupar as ruas. Em menos de uma semana conseguiram a queda do ministro das finanças Alberto Carrasquilla. Mesmo com a queda do ministro, as mobilizações e as greves — promovidas pelo Comité Nacional de Paralisação — persistem, insistindo no recuo da reforma fiscal e na queda do governo de Ivan Duque. Como é habitual, o governo respondeu com grande brutalidade em confrontos que deixaram 68 pessoas mortas e centenas feridas. Mas a luta continua e o povo está na rua.

No Brasil, fartas da incompetência e do negacionismo de Bolsonaro, as massas vieram à rua no dia 29 de Maio, exigindo a saída de Bolsonaro e do seu vice-presidente, o general Mourão. O 29M serviu para mostrar que a capacidade de mobilização das forças anti-bolsonaro é bem superior à do atual presidente, que mal tem conseguido encher as ruas nas suas passeatas. O povo brasileiro percebeu que só ocupando as ruas se consegue vitórias, e olha agora para continuar a luta já no próximo dia 19 de Junho.

O povo da América Latina já está cansado de séculos de subjugação e tem lutado continuamente. Estes processos servem de exemplo para toda a classe trabalhadora internacional, que tem visto os seus direitos a serem cortados, tem sofrido com desinvestimento crônico nos serviços de saúde e na segurança social — mesmo durante uma pandemia —, e que assiste à contínua impunidade dos grandes magnatas. Olhemos para a América Latina: levantemo-nos também.

ACAMPAMENTO ANTIFASCISTA

POESIA NA RUA

Preso à minha classe e a algumas roupas,
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias, espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

A FLOR E A NÁUSEA

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O FASCISMO COMBATE-SE NA RUA

A RUA pauta-se pela unidade e organização
na ação contra o fascismo, machismo,
racismo, xenofobia, LGBTQ+fobia e todas as
outras formas de opressão. Junta-te a nós.



30 31 1
JULHO/AGOSTO

A Rede Unitária Antifascista está a preparar um Acampamento Antifascista para os dias 30, 31 e 1 de Julho/Agosto. Se estás interessado, entra em contacto connosco através das nossas redes sociais ou envia-nos um email.

Contamos contigo.

[fb.com/Redeunitariantifascista](https://www.facebook.com/Redeunitariantifascista)

[@redeunitariaantifa](https://www.instagram.com/redeunitariaantifa)

www.antifascistas.pt

redeunitariaantifascista@protonmail.com